SEMINÁRIO GERAL DE ESTÁGIO 2017 – Curso de Licenciatura em Artes Visuais

Projeto de Estágio: Cultura Maia e outras relações com Cerâmica
Estagiários: Ágata Tomaselli dos Santos, Bruno Backmann e Vanda Kair
Faixa etária dos alunos: 14 a 15 anos
Local de Estágio: Colégio de Aplicação UFSC
Professora Orientadora: Juliana Crispe
Resumo: "Cultura Maia e outras relações com a Cerâmica" é o título do projeto de estágio realizado pelos estudantes de licenciatura em Artes Visuais Ágata, Bruno e Vanda, na oficina de cerâmica do colégio Aplicação, no qual procura-se traçar conexões entre o tema que a professora já vinha trabalhando com a turma, cultura Maia, e as mais diferentes possibilidades que a argila apresenta, com ênfase na cerâmica que não necessariamente passa pela queima ou que objetiva um produto final, assim, dando enfoque maior ao processo e à experiência. O trio de estagiários teve como ponto de partida uma aula de conversa e modelagem livre de argila (*Caminhos e conversas com com cerâmica*) e esta seguida por outra onde foram passados vídeos de temas dos mais abrangentes dentro da cerâmica, das quais, desdobraram-se visitas à ateliês, propostas com atividades colaborativas (*Banco-escultura autofraguante*), com experiências que ativassem os sentidos aquém da visão (*Contos maias às cega*s) , produção de objetos sonoros (*Ocarinando*), dentre outras.

Projeto de Estágio: Espaços Imaginários – outro mundo é possível
Estagiárias: Ana Carolina Ribeiro Nogueira e Mariana Berta
Faixa etária dos alunos: entre 12 e 13 anos
Local de Estágio: Colégio de Aplicação UFSC
Professora Orientadora: Juliana Maria Pereira
Resumo: O projeto "Espaços Imaginários – outro mundo é possível" trouxe para a prática de estágio III com estudantes do sétimo ano, algumas propostas de trabalho em artes visuais, abordando a temática específica 'espacialidades', incluindo aí, possibilidades de práticas e reflexões artísticas e culturais. Dando continuidade ao trabalho que havia sido desenvolvido com as turmas do sétimo ano no colégio de Aplicação da UFSC, que tratou de questões de identidade, sentimos a necessidade de ampliar as questões de subjetividades singulares e coletivas, apresentando para os estudantes referências e exercícios que possibilitassem a criação de possíveis lugares nos quais essas subjetividades pudessem ser compartilhadas. Este projeto teve como um dos grandes objetivos proporcionar aos estudantes uma experiência de troca e estímulo à imaginação atenta, a partir da escuta e observação de outras histórias, modos de viver em comum e de outras formas de conceber o que é Arte, que não os modos ocidentais com a sua lógica binária de classificação e demarcação de territórios. Além disso, procuramos incentivá-los a construir imageticamente e/ou simbolicamente esses mundos, e a elaborar uma série de exercícios temporais e espaciais de articulação com o seu próprio mundo, tornando real a possibilidade de transformação do mesmo.
Palavras-chave: Artes Visuais. Espacialidades. Culturalidades. Experiência Artística. Crítica Cultural.

Projeto de Estágio: Representações Corporais e o Desenho
Estagiárias: Bianca de Oliveira e Dalva França de Assis
Faixa etária dos alunos: 13 e 14 anos
Local de Estágio: Colégio de Aplicação UFSC
Professora Orientadora: Juliana Cristina Pereira
Resumo: A proposta deste projeto de estágio é trabalhar com os estudantes do 9º ano A/B/C do ensino fundamental II, ações que possibilitem o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e

competências no campo das Artes Visuais por meio de práticas artísticas, transpassando por questões que competem principalmente ao campo do desenho, envolvendo também conhecimentos de história da arte paralelos aos conceitos culturais e sociais contemporâneos. O local onde está sendo realizado este projeto é o Colégio de Aplicação - UFSC, localizado dentro da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima - R. Eng. Agronômico Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis. O colégio funciona há 56 anos e leciona desde a Educação Infantil dos anos iniciais até o último ano do Ensino Médio. A temática a ser desenvolvida parte da construção do desenho utilizando dos elementos da linguagem visual: ponto, linha, luz, sombra e formas básicas de composição, até chegar ao desenvolvimento da figura humana. A partir da construção da figura humana, iremos discutir sobre padrões corporais, questões de identidade e afetividade. Pretende-se, com este projeto, contribuir no desenvolvimento da percepção estética dos estudantes, propiciando o desenvolvimento da sensibilidade e percepção, através da experiência da construção do corpo humano matematicamente perfeito no desenho, com simetria e proporção em contraponto com o corpo humano real. Iremos propiciar contato com trabalhos artísticos e com artistas, ampliando o repertório e técnica dos alunos.

Projeto de Estágio: sem título
Estagiários: Carolina Zanoni e Rafael Menezes
Faixa etária dos alunos: 5 e 6 anos incompletos
Local de Estágio: Creche Hassis
Professora Orientadora: Priscila Anversa
Resumo: Este texto apresenta o relato de experiência ocorrido no Estágio Supervisionado I, sob a orientação da professora Priscila Anversa, na Creche Hassis: instituição repleta de paisagens, espaços e uma estrutura adequada à Educação Infantil, em Florianópolis. Foi proposto trabalhar, em um período de sete aulas, os diferentes tipos de texturas com o propósito de colaborar com desenvolvimento sensorial dos alunos da faixa etária de cinco e seis anos incompletos. A partir das observações, alguns dados mostraram como as crianças interagiam entre si e com as professoras de turma, esses dados foram importantes para organizar as propostas de atividades. O projeto de ensino teve como plano inicial ampliar a percepção dos diferentes tipos de texturas através de estímulos sensoriais, utilizando do campo lúdico e da imaginação como principal meio propositivo. O desenho dos alunos também foi observado e considerado: embora tivessem o hábito de desenhar, eles estavam condicionados a seguir um padrão, um modelo que era repetido e incentivado exaustivamente pelos professores: alguns alunos não queriam desenhar por insegurança achando que seus desenhos não eram bons o suficiente, ou feios. O recurso utilizado para desprendê-los dessas noções estereotipadas foi inserir o desenho expandido no decorrer das aulas: experimentar novas formas de desenhar com novas materialidades, fazendo interlocuções com a pintura, com a colagem, com escultura. Esse movimento estimulava o potencial criador agindo sobre os materiais e descobrindo suas possibilidades. Em um segundo momento, algumas crianças tiveram dificuldades em diferenciar a dicotomia macio/áspero nas atividades propostas, outra mediação foi proposta e mais atividades a partir dessa dicotomia foram realizadas para estimular os sentidos visuais e táteis. Outro ponto relevante é como as professoras interferiam na prática do estágio para conter a indisciplina de alguns alunos, dessa forma elas não percebiam que nós, como propositores da atividade, poderíamos lidar e solucionar certas situações de uma forma menos incisiva. Com o decorrer das aulas, percebemos que os alunos começaram a ter uma relação diferente com os objetos que eles manuseavam mesmo sem direcioná-los, em certos momentos eles falavam sobre as texturas que estavam sentindo e isso é um dado importante para nossa prática pedagógica, essas mudanças sutis são uma forma de avaliar como o projeto os atingiu. Além de trabalhar com várias experimentações, descobertas e interações com as crianças, o tema foi importante para a nossa prática pedagógica, pois elaboramos um projeto de ensino, tivemos uma experiência produtiva nas mediações e criamos materiais didáticos para as aulas. Diante disso, o projeto de ensino

foi entendido como um conjunto de interlocuções teóricas e práticas, facilitando o andamento das aulas e dando suporte ao primeiro estágio.
Palavras-chave: Estágio. Artes Visuais. Educação Infantil. Texturas.

Projeto de Estágio: não informado
Estagiários: Carolina Zanoni e Rafael Menezes
Faixa etária dos alunos: 5 e 6 anos incompletos
Local de Estágio: Creche Hassis
Professora Orientadora: Priscila Anversa
Resumo: Este texto apresenta o relato de experiência ocorrido no Estágio Supervisionado I, sob a orientação da professora Priscila Anversa, na Creche Hassis: instituição repleta de paisagens, espaços e uma estrutura adequada à Educação Infantil, em Florianópolis. Foi proposto trabalhar, em um período de sete aulas, os diferentes tipos de texturas com o propósito de colaborar com desenvolvimento sensorial dos alunos da faixa etária de cinco e seis anos incompletos. A partir das observações, alguns dados mostraram como as crianças interagiam entre si e com as professoras de turma, esses dados foram importantes para organizar as propostas de atividades. O projeto de ensino teve como plano inicial ampliar a percepção dos diferentes tipos de texturas através de estímulos sensoriais, utilizando do campo lúdico e da imaginação como principal meio propositivo. O desenho dos alunos também foi observado e considerado: embora tivessem o hábito de desenhar, eles estavam condicionados a seguir um padrão, um modelo que era repetido e incentivado exaustivamente pelos professores: alguns alunos não queriam desenhar por insegurança achando que seus desenhos não eram bons o suficiente, ou feios. O recurso utilizado para desprendê-los dessas noções estereotipadas foi inserir o desenho expandido no decorrer das aulas: experimentar novas formas de desenhar com novas materialidades, fazendo interlocuções com a pintura, com a colagem, com escultura. Esse movimento estimulava o potencial criador agindo sobre os materiais e descobrindo suas possibilidades. Em um segundo momento, algumas crianças tiveram dificuldades em diferenciar a dicotomia macio/áspero nas atividades propostas, outra mediação foi proposta e mais atividades a partir dessa dicotomia foram realizadas para estimular os sentidos visuais e táteis. Outro ponto relevante é como as professoras interferiam na prática do estágio para conter a indisciplina de alguns alunos, dessa forma elas não percebiam que nós, como propositores da atividade, poderíamos lidar e solucionar certas situações de uma forma menos incisiva. Com o decorrer das aulas, percebemos que os alunos começaram a ter uma relação diferente com os objetos que eles manuseavam mesmo sem direcioná-los, em certos momentos eles falavam sobre as texturas que estavam sentindo e isso é um dado importante para nossa prática pedagógica, essas mudanças sutis são uma forma de avaliar como o projeto os atingiu. Além de trabalhar com várias experimentações, descobertas e interações com as crianças, o tema foi importante para a nossa prática pedagógica, pois elaboramos um projeto de ensino, tivemos uma experiência produtiva nas mediações e criamos materiais didáticos para as aulas. Diante disso, o projeto de ensino foi entendido como um conjunto de interlocuções teóricas e práticas, facilitando o andamento das aulas e dando suporte ao primeiro estágio.
Palavras-chave: Estágio. Artes Visuais. Educação Infantil. Texturas.

Projeto de Estágio: Ver com as mãos: perceber o mundo através de suas texturas
Estagiárias: Cibele da Silva Ribeiro e Jéssica Natana Agostinho
Faixa etária dos alunos: 5 a 6 anos
Local de Estágio: Creche Hassis
Professor Orientador: não informado
Resumo: O projeto Ver com as mãos: perceber o mundo através de suas texturas direcionou-se a crianças de 5 a 6 anos da educação infantil. A proposta foi realizada durante o segundo semestre de

2017, junto à uma das turmas do Grupo 6 da Creche Hassis, localizada em Florianópolis-SC. Elaborado para a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I – de caráter obrigatório e situada na 4ª fase do curso de Licenciatura em Artes Visuais – o projeto procurou abordar, via de regra, o tema "texturas". Especificamente, foram trabalhados conteúdos tais como textura enquanto elemento expressivo; tipos de texturas/materiais; e o uso das texturas na história da arte. Objetivou-se, sobretudo, familiarizar as crianças com um dos elementos básicos da comunicação visual – a textura – a fim de ampliar seu repertório estético, e, consequentemente, possibilitar novos modos de ver e interagir com o mundo que as cerca. Para tanto, buscou-se, a partir do convite à percepção tátil e visual dos objetos e materiais encontrados no entorno da criança, promover a identificação, a diferenciação, a apropriação e o uso das texturas em experimentações artísticas. Durante o período de observação, pôde-se confirmar a importância da brincadeira e da ludicidade como meio de abordagem metodológica. Admite-se influência, na elaboração do projeto em sua totalidade, dos documentos nacionais e municipais que estabelecem diretrizes curriculares e pedagógicas para a educação infantil. Igualmente, é reconhecida a influência, em termos de metodologia, das perspectivas formuladas por Ana Mae Barbosa, a respeito de sua Proposta Triangular. No decurso da prática, verificou-se que as crianças, a partir de distintos repertórios já acumulados acerca do tema, envolviam-se de maneira também diversa com as atividades propostas. Algumas participavam da roda de conversa – ocasião em que o conteúdo "teórico" era mais fortemente concentrado – com maior interesse e envolvimento. Esses alunos demonstraram posteriormente maior facilidade em estabelecer relações entre teoria e prática, tanto durante as proposições artísticas como nas aulas subsequentes. Outras, ao se relacionar de maneira mais distante ou com um tempo de atenção reduzido, demandavam que a abordagem fosse constantemente repensada e adaptada. Assim, cada dia de intervenção suscitava novas reflexões, as quais, sempre que possível, eram incorporadas às práticas seguintes. Os momentos de roda se mostraram essenciais para o processo, pois, como já exemplificado, permitiram às crianças a possibilidade de associar o conteúdo falado ao conteúdo prático contido nas proposições estéticas; bem como propiciaram a mediação da leitura de diversas imagens de trabalhos de arte, possibilitando, além do contato com imagens variadas e diferentes exemplos da utilização de texturas, que as crianças pudessem expressar seus próprios entendimentos quanto ao que viam. As atividades práticas, planejadas de maneira a não direcionar os alunos para resultados ou padrões pré-estabelecidos, se mostraram oportunidades para que cada um operasse partindo de suas escolhas estéticas particulares. Finalmente, destaca-se o crescimento formativo, assegurado pelo estágio aos estudantes de licenciatura. A experiência mostra-se significativa e de contínuo avanço, uma vez que os desafios encontrados ao longo do percurso requerem que a reflexão e o estudo jamais se encerrem.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Ensino de Arte. Artes Visuais. Educação Infantil. Texturas.

Projeto de Estágio: A morada do gesto: o desenho e a paisagem nas aulas de Artes Visuais

Estagiários: Fabio Luis Savicki Henschel e Letícia Ferreira Haines

Faixa etária dos alunos: entre 15 e 17 anos

Local de Estágio: EEB Leonor de Barros

Professora Orientadora: Juliana Crispe

Resumo: O presente projeto norteia a prática docente de Letícia Ferreira Haines e Fabio Savicki Henschel, na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, do curso de licenciatura em Artes Visuais – UDESC. Construído e proposto para uma turma de 9º ano do fundamental II (anos finais), no segundo semestre de 2017. A atividade pedagógica partirá e será guiada por propostas que se localizam no campo de conhecimento das Artes Visuais. Através da metodologia a/r/tográfica pretende-se articular os interesses, pesquisas e formação dos docentes enquanto artistas, pesquisadores e professores. Assim, o projeto articula duas frentes, sendo elas 4 aulas propostas por Fábio e 4 aulas propostas por Letícia. Nas primeiras as investigações se darão em torno do campo do desenho e das artes gráficas e

nas últimas em torno do conceito de paisagem. Espera-se que o fazer/pensar com Artes Visuais dentro de uma disciplina escolar seja uma possibilidade de ampliação da experiência sensível dos alunxs e de outras formas de ser/estar escola.
Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Desenho. Paisagem.

Projeto de Estágio: Seres Imaginários
Estagiárias: Gabriela Todeschini Lucas e Érica Calefi
Faixa etária dos alunos: 12 a 14 anos
Local de Estágio: Colégio de Aplicação UFSC
Professora Orientadora: Juliana Cristina Pereira
Resumo: O projeto foi desenvolvido em dupla na disciplina de Estágio III do curso de Artes Visuais licenciatura e teve sua atuação no Colégio de Aplicação, para turma do 7º ano do turno vespertino. As propostas de aula do projeto seguiram o tema já em andamento desenvolvido pelas professoras, pertencente ao conceito de Identidade. Alinhando-se ao tema, o projeto buscou vincular práticas envolvendo técnicas de desenho com a abordagem do conceito de "seres imaginários", desta forma buscou-se ao longo das aulas praticar o exercício do desenho, de forma a aliar a técnica a propostas atualizadas com o contexto dos alunos, aliando-se a referência de artistas e obras da arte contemporânea, história da arte e também da cultura visual, buscando um estimulo da prática do desenho com o grupo. O foco nos seres imaginários vem trazer um pano de fundo para a prática, vinculando-se ao tema da Identidade que foi trabalhado com eles junto as professoras. As práticas de desenho tiveram seu processo registrado no sketchbook, que foi um material produzido junto com os alunos, como também o processo escultórico de um personagem-criatura em argila.
Palavras-chave: Artes Visuais. Estágio. Híbridos. Desenho. Sketchbook.

Projeto de Estágio: Espaços Imaginários – outro mundo é possível
Estagiários: Ian Mendes Bruscky e Yuri Fabris Basto
Faixa etária dos alunos: 12 a 13 anos
Local de Estágio: Colégio de Aplicação UFSC
Professora Orientadora: Juliana Crispe
Resumo: Nesse projeto de estágio trabalhamos com uma turma do 7º ano do colégio aplicação, a turma estava trabalhando com o tema identidade, tinham feito um trabalho com as professoras de sala, ao longo das aulas anteriores, que levou à construção de um avatar, um ser que represente eles. Em um primeiro momento os alunos desenharam esse avatar, e depois o incorporaram, criando fantasias de formas variadas a partir do que tinham planejado. Com essa fantasia eles tinham que escolher um cenário e tirar uma foto, e esse foi o trabalho final dessa etapa, antes de começarmos o estágio. Acompanhando esse exercício nas visitas as aulas, percebemos que por mais que tenham conseguido criar esse personagem, muitos ainda tinham bastante dificuldade em pensar o ambiente que estaria esse ser, ou seja, pensar o lugar, o cenário. A partir desse ponto decidimos trabalhar em nosso estágio com paisagem. Tivemos uma diferença nesse estágio que foi trabalhar com quatro estagiários na mesma turma, com um projeto necessariamente semelhante, que parta de um mesmo conceito. Desses quatro estagiários, ficaram dois para cada metade da turma, que é dividida em duas para as aulas de arte. Nosso projeto em comum seguiu então a ideia de espaços imaginários, eu e minha dupla nos focamos mais na prática do desenho, como um objetivo secundário, além de trabalharmos o cenário, procurávamos descontruir com eles a noção de o que é desenho, assim como trabalhar com um desenho mais solto e lúdico, para depois, entramos com uma pegada mais técnica, dando uma noção de composição e perspectiva. Para que esse desenho pudesse ser bem trabalhado no trabalho final, onde trouxemos novamente seus desenhos dos avatares, porém como figurinhas, e pedimos para que

pensassem e construíssem o entorno desse personagem, procurando trabalhar com os elementos que trouxemos durante as aulas.

Projeto de Estágio: Cultura visual, arte rupestre e arte urbana: diálogos e novos suportes para a história e linguagens da arte
Estagiária: Jessica Maria Policarpo
Faixa etária dos alunos: 14 a 16 anos
Local de Estágio: Escola Leonor de Barros
Professor Orientador: Rogério
Resumo: A disciplina de estágio curricular III, desenvolvida no 2º semestre do ano de 2017, consiste na prática de pensar à docência a partir das referências apresentadas ao longo do curso de formação com o intuito de instrumentalizar e desenvolver o ser professor de artes nas redes públicas de ensino. A partir de inquietações geradas com as observações de campo e com o objetivo de incorporar temas que contemplem o contexto dos alunos, foi desenvolvido o tema acerca das representações rupestres contempladas em nosso litoral catarinense. Junto desta, criou-se a possibilidade de desdobrar questões referentes ao conceito de paisagem no campo da arte e da cultua visual e seus desdobramentos. Seguindo pela contextualização com a contemporaneidade, relacionamos estas práticas à expressão artística da pichação. Compreendendo as inscrições rupestres como uma primeira forma de comunicação através do campo visual, e relevando aspectos como a não valorização dos sítios arqueológicos pré-históricos, assim como as produções de grupos marginalizados culturalmente, em comparação as produções da modernidade, em especial as de origem europeia. No que diz respeito a história da arte e suas possíveis associações, seguimos com a possibilidade de apoiar-nos em outros repertórios imagéticos que são periféricos, estabelecendo diálogos entre eles. Diante desta proposta, foi possível ao longo dos encontros articular teoria e prática, reconhecendo-nos quanto seres sociais e políticos, gerando um material possível de desdobramentos como o Diário de borda, a carta de Tarot e o Autorretrato. Todas elas potencializadoras de uma prática contemplativa e social.

Projeto de Estágio: Sensório e Sensível: o uso de percepções sensoriais para a ampliação do repertório artístico da criança
Estagiário: Jordi Angelo Timon Frias
Faixa etária dos alunos: 4 anos
Local de Estágio: Creche Hassis
Professor Orientador: não informado
Resumo: O projeto Sensório e Sensível: o uso de percepções sensoriais para a ampliação do repertório artístico da criança, realizado como parte da disciplina Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Artes Visuais no ano de 2017, buscou proporcionar aos alunos um ambiente de interação com o mundo por meio de percepções sensoriais distintas. Partindo da problematização de que atualmente a produção de informação visual é excessiva, porque produzimos um volume incalculável de imagens e textos que circulam em diferentes mídias, e invasiva, pois sempre estamos olhando imagens ou lendo textos, espalhados pela cidade ou nos feeds online. Ao privilegiar a percepção visual não estamos experimentando sensações melhores, mas consumindo uma quantidade maior de imagens e textos supérfluos, para, proporcionalmente, experimentar cada vez menos sensibilidades com os outros sentidos, o que leva a um vão entre a experiência visual bem abastecida e as outras experiências sensoriais, como a auditiva, tátil, cinestésica, entre outras, menos contempladas. Neste sentido o ensino de Artes se destaca por ser capaz de proporcionar, na, e desde a Educação Infantil o contato com diferentes tipos de percepções sensoriais, enfatizando o caráter complementar destas no desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo que promove a ampliação dos sentidos numa orientação subjetiva, procurando se criar um repertório de vivências, conhecimentos e sensações, fortalecendo

assim a capacidade criadora e imaginativa na criança e no indivíduo em geral. Durante a implementação do projeto com os alunos na faixa de quatro anos da Creche Hassis localizada em Florianópolis, SC, foram realizadas práticas focadas principalmente na percepção tátil (como diferenciação de superfícies ásperas e lisas, quentes e frias, etc.), tendo em vista a construção de um repertório sensório e sensível a ser apreendido e reaproveitado pelas crianças em atividades subsequentes. A escolha de materiais se deu com referência em artistas como Andy Goldsworthy, Richard Long, Jesus Soto e Hélio Oiticica, assim como na proposta ambiental defendida pela creche. Por isso foram utilizados preferencialmente objetos e materiais naturais, mas também industrializados provocando as crianças a estabelecerem relações e comparações tanto entre materiais do mesmo tipo quanto de tipos opostos (natural/industrial). A interação com objetos e materiais naturais permitiu uma série de questionamentos omissos no trato com aqueles industrializados, a respeito da origem destes e suas relações com o universo da criança. As crianças também foram encorajadas a redescobrir um mesmo material, a argila, dentro de diferentes linguagens, como a escultura (mole e dura) e a pintura (liquida), estabelecendo sentidos diferentes ao mesmo material de acordo com seu uso. Durante o estágio foi possível observar que é possível através do ensino de Artes nas creches, estimular já na criança pequena a formação de uma predisposição para a sensibilidade estética a partir dos sentidos incentivando nela as capacidades de compreender, criar e se sensibilizar com arte.
Palavras-chave: Educação Infantil. Percepção. Artes Visuais.

Projeto de Estágio: Anti-herói e Distopia: Experiências artísticas em jogos digitais
Estagiárias: Larissa Tonin, Paola Amaral Tavares
Faixa etária dos alunos: 13 a 14 anos
Local de Estágio: Escola de Educação Básica Leonor de Barros
Professor Orientador: Juliana Cristina Pereira
Resumo: Partindo da ideia da inclusão de novas modalidades artísticas não tradicionais no ensino de Artes Visuais, o intuito do projeto foi trazer a possibilidade de repensar os jogos eletrônicos, observando-os como potenciais resultados artísticos - levando em consideração uma gama infinita de pensamentos que emanam desde o ato inicial do jogador de um videogame agindo sobre o jogo e interferindo no rumo da ação, como se estivesse do lado de dentro. Dessa forma, percebendo a transcendência da fórmula básica dos jogos mais comuns, buscamos trazer obras interativas repletas de elementos da linguagem visual. Assim, abordamos alguns jogos específicos do cotidiano da turma, os quais diversas vezes são considerados impróprios e imorais e que, entretanto, seguem diariamente presentes, como o GTA (Grand Thief Auto). Sendo assim, podemos ter um novo olhar sobre a violência existente nos jogos, um olhar menos raso e menos moralista, onde esta violência cometida pelo personagem, consciente ou não, é uma forma de reação ao sistema opressor, e é justamente esta reação que o transforma em anti-herói em uma sociedade distópica.
Palavras-chave: Artes visuais. Jogos eletrônicos. Distopia. Anti-herói.

Projeto de Estágio: Criador e Criatura – Construção de um Espelho
Estagiárias: Leila Pessoa Bechtold e Raquel Gularte Queiroz
Faixa etária dos alunos: 12 e 13 anos
Local de Estágio: Colégio Aplicação da UFSC
Professor Orientador: Juliana Cristina Pereira
Resumo: O presente trabalho refere-se ao relato de experiência diante do projeto pedagógico da disciplina Estágio Curricular Supervisionado III, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, realizado no segundo semestre de 2017, com uma turma de ensino fundamental II, sétimo ano, no Colégio Aplicação da UFSC. A partir da observação de duas aulas e conversa com as professoras da turma, foi elaborado um projeto de 10 aulas que se ancoraram na temática já em andamento com a turma – retrato,

autorretrato, e avatares. Considerou-se, no planejamento, o texto da BNCC para ensino fundamental II e a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, havendo nesse planejamento uma ênfase nos momentos de prática e fruição em função da particularidade da proposta e do perfil da turma. Ao longo das semanas de atuação foi possível colocar em prática o projeto, realizando também pequenos desdobramentos decorrentes de situações-gatilho ocorridas nas atuações. Foi necessário também redimensionamento das atuações, que passaram a ser 9 ao invés de 10, em função do cronograma da escola. A construção das criaturas se desenvolveu de forma individual por cada aluno, a partir de suas próprias motivações, utilizando como estrutura principal uma embalagem por eles escolhida, que poderia ter a forma transformada ou enfatizada, iniciando assim com uma prática e técnicas de desenho de observação, que teve depois continuidade com desenho como planejamento, explorando também a potência criadora. Durante as práticas, no processo de invenção da criatura, que foi um elemento autobiográfico, invocamos o sentido ao caráter biográfico da obra, no qual o que estava sendo estimulado era um diálogo entre ficcional e o real. Pensando nessa ponte, onde existe o limite entre a ficção e a "realidade", pensamos que, aparentemente, essa aproximação com a obra torna ela mais palpável. Diante do processo de autorretrato que havia sido explorado previamente, iniciamos a proposição de toyart. Provocamos os alunos a falar de si em segundo plano, um processo de entender o que seria esse "falar de si", sem ser fiel a todos os detalhes. A provocação teve sequência por meio de pesquisa assimilando as formas e do desenho; modelagem de materiais; aplicação de papel machê e papietagem; estudo de cores e por fim o entendimento desta criatura no mundo.
Palavras-chave: Criatura. Toyart. Bricolagem. Modelagem.

Projeto de Estágio: Campo Sensorial
Estagiárias: Maria Eduarda Teixeira Pinto Collaço e Natalia Fabris
Faixa etária dos alunos: 1 ano e meio a 2 anos de idade
Local de Estágio: Creche Hassis
Professor Orientador: Priscila Anversa
Resumo: O presente estágio foi realizado com alunos entre um ano e meio a dois anos da Costeira do Pirajubaé, na Creche Hassis. Criamos o trabalho pensando no desenvolvimento sensorial das crianças, assim como sua percepção de espaço e noções básicas de cores e texturas. Os trabalhos foram desenvolvidos com materiais simples e de fácil acesso, sendo sempre considerada a facilidade de manutenção destes pelo aluno. Nos baseamos em trabalhos artísticos de Heather Hansen, Hélio Oiticica e Lygia Clark, os quais utilizam o corpo como uma ferramenta artística e o processo como o ponto crucial da arte. Através dos estudos de Wallon (2008) compreendemos a importância do desenvolvimento da motricidade, da linguagem e da função simbólica. Para trabalhar estes aspectos utilizamos três histórias infantis: "Pequeno Azul, Pequeno Amarelo", "A Festa no Céu" e "A Ovelha". A partir dessas histórias proporcionamos experiências sensoriais, as quais ressignificavam materiais de utilizações cotidianas diversas. Estes funcionaram como proporcionadores de sensações e intervenções estéticas na própria sala de aula, não só para os alunos, mas também para as professoras que acompanharam o processo. Portanto o objetivo principal destas aulas não era a produção de objetos, mas sim a relação dos alunos com as propostas e materiais sugeridos, assim o nosso trabalho é o registro destas vivências.
Palavras-chave: Processo. Vivência. Sensorial. Educação Infantil. Artes Visuais.

Projeto de Estágio: Mapa Relacional de Arte Urbana
Estagiárias: Mylena Nuernberg da Silva e Nycolle Ketteryn Corrêa da Silva
Faixa etária dos alunos: Sexto ano do ensino fundamental (12 a 15 anos)
Local de Estágio: EEB Leonor de Barros
Professor Orientador: Aline Nunes da Rosa e Juliana Cristina Pereira

Resumo: O projeto de estágio Mapa Relacional de Arte Urbana foi pensado e realizado para o sexto ano do ensino fundamental, da escola EEB Leonor de Barros, localizada no bairro Itacorubi, em Florianópolis. Entendendo a necessidade de um olhar crítico a respeito das diversas imagens que consumimos diariamente nas ruas e por meio digital e na importância de discussão perante questões de identidade, sociedade e cultura, como uma parte fundamental para a qualidade dessas experimentações e descobertas, construímos este planejamento de ensino visando possibilitar os adolescentes certo questionamento, e proporcionando experimentações relacionadas à arte urbana e seu contexto no Brasil. O enfoque além de proporcionar uma experimentação na área, era provocar os alunos a observar a arte urbana presente no seu cotidiano, para contribuir relacionamos exemplos de artistas e suas diferentes técnicas, como lambe-lambe, adesivos, grafite e pixo, e também comentando os desafios que permeiam a prática artística em ambientes públicos, para que além de aprenderem arte, possam assim ressignificar o papel desta na sociedade, questionando e fazendo um paralelo com as vivências dos próprios estudantes.